

Estudo comparativo de duas metodologias de xenodiagnóstico artificial, aplicadas simultaneamente em pacientes chagásicos crônicos, residentes na cidade de São Paulo, Brasil.

Almeida, T.T.C. Estudo comparativo de duas metodologias de xenodiagnóstico artificial, aplicadas simultaneamente em pacientes chagásicos crônicos, residentes na cidade de São Paulo, Brasil. São Paulo, 2000. [Dissertação de Mestrado – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo].

Este trabalho teve como objetivo comparar as metodologias de xenodiagnóstico *in vitro*, empregadas nos exames de rotina do Instituto Adolfo Lutz (IAL) e da Universidade Federal de Goiás (UFG), com modificações. Examinou-se sangue de 61 pacientes chagásicos crônicos, triados por sorologia anti-*T. cruzi*, entre candidatos a doadores, em banco de sangue, do Hospital das Clínicas da FMUSP, sem nenhum tratamento anterior para doença de Chagas. Dos 41 (67,2%) homens e 20 (32,8%) mulheres, 26 (42,6%) pacientes pertenciam à faixa etária de 43-52 anos e 15 (24,6%) à de 33-42 anos. Embora nascidos em diferentes áreas endêmicas, todos os indivíduos já residem na cidade de São Paulo há muitos anos. Para cada uma das metodologias testadas, utilizou-se 40 ninfas de 3º e 4º estágio de *Triatoma infestans*, com jejum prévio de duas a três semanas. De cada paciente foram colhidas duas amostras sanguíneas de aproximadamente 10 ml cada, em tubos a vácuo, heparinizados. O sangue era aquecido em banho-maria, à 38°C por 15 minutos, em frasco de Borrel (técnica do IAL) ou no próprio tubo, sendo depois transferido para um recipiente de vidro, de câmara dupla, com água à 45°C na parte

externa (técnica modificada da UFG). Em torno dos 30 e 60 dias, as ninfas eram colocadas em *pools* de quatro, dentro de um pequeno recipiente transparente e alimentadas, para realização da coproscopia, pelo método das dejeções espontâneas (metodologia UFG). Nos *pools* em que a dejeção era insuficiente, fazia-se o método da compressão abdominal, como o que foi realizado com as ninfas da metodologia IAL, as quais não receberam alimentação suplementar. Dos 61 xenodiagnósticos, 21 (34,42%) foram positivos para *Trypanosoma cruzi*, sendo 18 (29,5%) xenopositivos na metodologia modificada da UFG, contra 7 (11,47%) na do IAL. Desses, 13 (61,9%) eram pacientes com idades entre 43 e 52 anos. A diferença entre os dois métodos é estatisticamente significativa, ao nível de 0,05. Estes resultados nos levam a supor que pequenas modificações, como o aumento da superfície de contato entre o recipiente contendo o sangue, mantido aquecido e o frasco com as ninfas, aumentariam a sensibilidade da técnica de xenodiagnóstico, atualmente em uso no IAL.

*Tese disponível na biblioteca do IAL